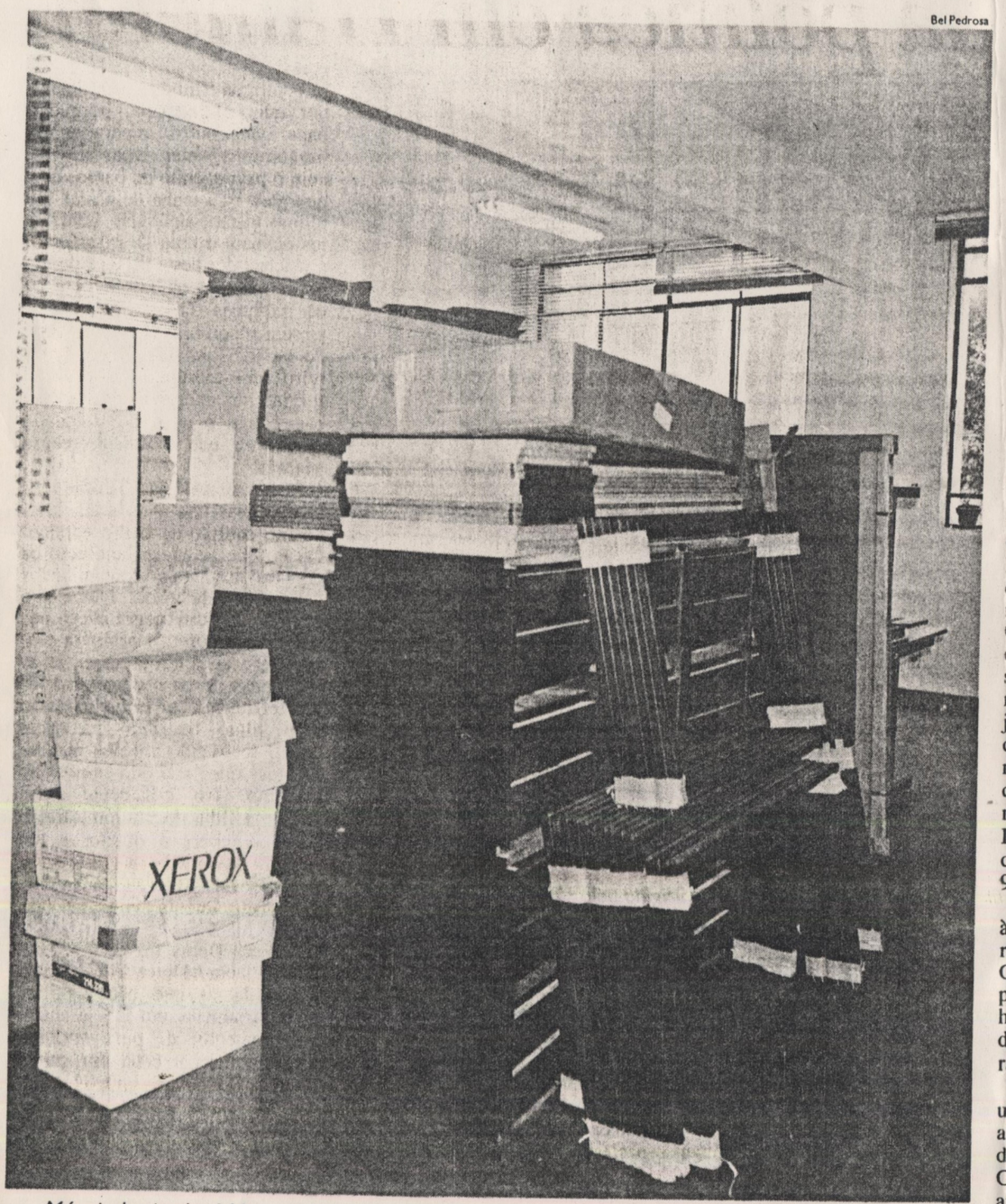
P47.07

Universidade Livre de Música atrasa salários



Bel Pedrosa

Móveis destinados à Universidade Livre de Música, que permanecem na Oficina Oswald de Andrade

ISRAEL DO VALE
Da Redação

Cerca de 30% do quadro de professores da Universidade Livre de Música não recebem seus salários desde novembro passado. O atraso foi confirmado pela diretora-administrativa da "universidade", Akiko Oyafuso, e é atribuído a "problemas nas finanças de todas as secretarias estaduais, ocorridos no final do ano passado". Segundo Akiko, o pagamento referente aos meses de novembro e dezembro deve ser efetuado até o próximo dia 20. Ela diz que a situação deve ser regularizada até o fim do mês. A escola tem hoje 65 professores.

O secretário-adjunto da Secretaria de Estado da Cultura, Cesar Callegari, 37, disse ontem à **Folha** que "não há nenhum caso de profissional que não tenha recebido desde o ano passado". O que pode ter havido, segundo ele, é que "algumas parcelas de salários de músicos que desempenhavam mais de uma função estejam atrasadas". Callegari, contudo, reconhece que Akiko está mais informada da situação do que ele. "Os problemas decorrem da queda de arrecadação do ICMS, que comprometeu o caixa do governo estadual no final de 90", disse.

O atraso no pagamento, aliado à insatisfação salarial, pode acarretar o desmantelamento da Orquestra Jazz Sinfônica, o corpo profissional de maior repercussão hoje dentro dos quadros musicais da Secretaria de Estado da Cultura [*leia texto abaixo*].

O atraso dos salários é apenas um dos problemas por que passa a "universidade". O presidente do Conselho Diretor, Antônio Carlos Jobim, empossado há um ano, pouco aparece na escola. Segundo Akiko, "sua função é analisar a programação, avaliar e sugerir como deve ser encaminhado o conteúdo dos cursos".

A impossibilidade de a "universidade" ocupar por inteiro a sede definitiva, no antigo colégio Caetano de Campos, na praça da República (região central), tem trazido crescentes transtornos e comprometido o andamento de alguns cursos. O prédio da República —que abriga a Secretaria da Educação— foi entregue em julho do ano passado pelo governador Orestes Quércia ao reitor Tom Jobim. Ainda não foi desocupado pelos funcionários da secretaria.

A justificativa para a demora na mudança é que o prédio onde a Secretaria da Educação deve se instalar não está pronto. As novas instalações ficam na marginal Pinheiros (zona oeste).

Enquanto isso, a "universidade" funciona compartimentada em espaços provisórios —que estão sendo perpetuados. Funcionários da Direção Administrativa trabalham numa sala de cerca de 20 metros quadrados num prédio anexo à Oficina Cultural Oswald de Andrade, no Bom Retiro (região central).

As oito salas utilizadas pela escola foram implantadas no andar térreo do Caetano de Campos. A "universidade" mantém 16 cursos no prédio. Na primeira semana de janeiro, um segurança se atracou com um aluno proveniente de Santos que tentava assistir aula de bermuda. A utilização de bermuda é permitida na sala da diretora, no prédio anexo da Oswald de Andrade.

Uma única linha telefônica recebe todas as chamadas dirigidas à "universidade". Mesas, cadeiras e armários do patrimônio da escola estão amontoados por corredores e salas da Oswald de Andrade e prédio anexo. Precisaram ser comprados no ano passado para que a verba destinada a isso não fosse cancelada com o final do ano administrativo, conforme o procedimento jurídico regular.

A aula que retomava o curso após o recesso de final de ano foi suspensa porque as salas estavam sujas e faltavam cadeiras para os alunos. Um estranho comunicado assinado pela diretora Akiko e afixado na parede de uma pequena sala no "hall" de entrada do prédio da República "autoriza" os faxineiros da Educação a cuidar da limpeza nas salas da Cultura. Não há um só bebedouro de água destinado aos frequentadores do prédio que tenham ligação com a Universidade Livre. Cesar Callegari diz que se fosse esperar, "nem em 25 anos" a "universidade" teria as condições ideais para o funcionamento.

Tom Jobim se defende

Da Sucursal do Rio

O compositor Tom Jobim se defendeu das críticas de que seria omisso no cargo de reitor da Universidade Livre de Música. "Antes de aceitar esse cargo, eu avisei que o reitor não pode ser 'fichinha' de se encontrar no corredor. É uma coisa diferente", disse ele à **Folha**, *às 11h45 de ontem.*

Tom Jobim não admitiu que sua atuação na universidade seja considerada uma "farsa". Ele não quis falar sobre os projetos que estaria desenvolvendo na universidade.